



Carlos Gribel e Saul Sabbá, do Máxima: ideia é oferecer ao investidor externo títulos estruturados em dólares de empresas médias, ações e fundos em reais

## Banco Máxima abre empresa em Londres para vender papéis e fundos

**Cristiane Perini Lucchesi**  
De São Paulo

O Banco Máxima, com sede no Rio de Janeiro, está abrindo uma empresa em Londres. O objetivo é vender títulos de empresas brasileiras para o investidor externo da Europa e dos Estados Unidos e ajudar a trazer esse investidor para o mercado interno brasileiro de ações, de fundos de renda fixa, variável ou multimercado.

Para dirigir a empresa e uma diretoria do banco o Máxima tirou Carlos Gribel, grande especialista no mercado externo, da Queluz, boutique de investimentos e gestora de recursos de terceiros. "Faz todo o sentido ter uma perna no

mercado internacional para uma atividade que nós já desenvolvemos no país", diz Saul Sabbá, presidente do Banco Máxima.

Segundo ele, o banco está ampliando sua atuação no mercado de títulos de crédito no Brasil, principalmente Cédulas de Crédito Bancário, tendo estruturado para empresas clientes e distribuído a investidores R\$ 400 milhões durante o ano passado, com destaque para companhias do setor elétrico. "Atuamos no mercado de securitização, renda fixa, variável e planejamos lançar títulos mezanino, um híbrido de capital a dívida", afirmou. Os papéis lastreados em crédito imobiliário e em crédito agrícola

também têm atraído muito interesse dos investidores, diz Sabbá.

Com patrimônio líquido total de R\$ 85 milhões, o Banco Máximo tem uma corretora de ações, com escritório em São Paulo, e também uma gestora de recursos de terceiros com R\$ 1 bilhão sob administração. Desenvolveu fundos de investimento próprios, inclusive multimercado.

"Agora, o banco vai passar a mostrar para o investidor externo alternativas de investimento em reais e em dólares", diz Gribel, que criou a área internacional do Banco Boavista em 94 e foi chefe da área de distribuição de títulos de renda fixa no exterior do Banco Bozano. Segundo ele, a ideia é

distribuir os papéis que o Máxima vai gerar no país e vender ações e montar fundos para os investidores internacionais no mercado interno brasileiro.

"Vamos tentar fazer operações estruturadas, com colaterais, de forma a baratear o custo de captação para empresas médias", diz Gribel. Para ficar como responsável pela mesa de eurobônus do Máxima, Gribel tirou da Queluz Rodrigo Steiner, que também já começou a trabalhar no Máxima.

Gribel se aproximou de Sabbá durante viagem de visita a investidores externos para apresentar papéis do Banco Máxima em transação estruturada pela Queluz durante 2006.